

Pedro Lemebel

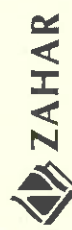
Poco hombre

Escritos de uma bicha terceiro-mundista

A. 2013

Organização e prólogo:
Ignacio Echevarría

Tradução:
Mariana Sanchez



Copyright © 2013 by Pedro Lemebel

Copyright © 2013 by Ediciones Universidad Diego Portales

Gráfica atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A editora agradece a Terra Johari pela colaboração.

Título original

Poco hombre: Crónicas escogidas

Capa

Celso Longo + Daniel Trench

Imagem de capa

Frida II, 1990, de Pedro Lemebel. Fotografia de Pedro Martinello.

Contesia da galeria D21 Proyectos de Arte.

Preparação

Diogo Henriques

Revisão

Luís Eduardo Gonçalves

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Lemebel, Pedro, 1952-2015

Poco hombre: Escritos de uma bicha terceiro-mundista / Pedro Lemebel ; organização e prólogo Ignacio Echevarría ; tradução Mariana Sanchez. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2013.

Título original : Poco hombre : Crónicas escogidas.

ISBN 978-65-5979-112-5

I. Crônica chilena I. Echevarría, Ignacio. II. Título.

23-146735

CDD-860

Índice para catálogo sistemático:

I. Crônicas : Literatura chilena 860

Tabata Alves da Silva — Bibliotecária — CRB-8/9233-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

Sumário

Prólogo, por Ignacio Echevarría II

À guisa de preâmbulo 41

Manifesto (Falo pela minha diferença) 43

O abismo iletrado de alguns sons 49

PARTE I Os duendes da noite 53

O Zanjón de la Aguada (Crônica em três atos) 55

censo e Conquista (E essa peruca rosa debaixo da cama?) 64

Mamãe pistola 68

Cinco minutos te fazem florescer (Victor Jara) 71

A esquina é o meu coração (ou Os new kids do bloco) 74

A Bichona do Pinheiro 79

Um letreiro Soviet no telhado do bloco 84

“A cidade sem ti” 87

Os duendes da noite 91

As sereias do café (O sonho top model da Jacqueline) 94

A matilha 97

"Noites de cetim branco" (ou Aquele rapaz tão duro) 100

PARTE II Fingir como se nada, sonhar como se nunca 105

Éramos tantas tontas juntas 107

La Payita ("A porta se fechou atrás de ti") 110

A noite dos visons (ou A última festa da Unidade Popular) 116

As joias do golpe 133

Ronald Wood (Para esse lindo lírio despenteado) 138

Fingir como se nada, sonhar como se nunca

(Sobre o vídeo *La vendá*, de Gloria Camiruaga) 141

As mulheres do PEM e do POJH (ou Recordações de uma chacota de trabalho) 144

Pisagua na ponta dos pés 148

As orquídeas negras de Mariana Callejas (ou O Centro Cultural da Dina) 151

As Amazonas da Coletiva Ayuquelén 155

Noite palhaça 158

O Informe Rettig (Recado de amor no ouvido insubornável da memória) 161

Carmen Gloria Quintana (Uma página queimada na Feira do Livro) 164

A política da arte-relâmpago 167

PARTE III Onde é que você estava? 177

Onde é que você estava? 179

Garagem Matucana (A pelúcia humana de um hangar) 182

O exílio fru-fru (Montparnasse era uma festa) 185

O que será da Janet do 777 189

Don Francisco (A Virgem obesa da tevê) 192

O incesto cultural da grande família chilena (ou Os erres e zês de uma paisagem próspera) 196

O encontro com Lucía Sombra 201

Minha amiga Gladys ("O amor à liberdade é irrefreável") 204

O beijo de Joan Manuel ("Tua boca tem gosto de erva") 208

Gonzalo (O rubor maquiado da memória) 211

Adeus ao Che (ou As mil maneiras de se despedir de um mito) 214

A mesa de diálogo (ou A toalha branca de uma negociação obscura) 217

A sinfonia estridente das candidaturas (Todos um dia fomos jovens idealistas) 220

Bem-vindo, Tutancâmon (ou A volta do pesadelo) 223

PARTE IV Seu rouco riso louco 227

Louco afã 229

A insustentável leveza 234

Tarântulas no cabelo 243

- "Os diamantes são eternos" (Fírvolas, cadavéricas e ambulantes) 248
- A música e as luzes nunca se apagaram 253
- As papoulas também têm espinhos (Para Miguel Ángel) 256
- Os mil nomes de Maria Camaleão 262
- A morte de Madonna 268
- O último beijo de Loba Lámar (Laços de seda na minha despedida, por favor) 277
- Nádegas lycra, Sodoma disco 286
- Crônicas de Nova York (O bar Stonewall) 289
- Olheiras de olhar tresnoitado 292
- Seu rouco riso louco 295
- Homoeróticas urbanas (ou Notas prófugas de uma pétala flozô) 298
- Sozinhos na madrugada (O pequeno delinqüente que sonhava feliz) 301
- Raphael (ou A pose afetada do canto) 305
- "Bíblia rosa e sem estrelas" (A balada do rock homossexual) 308
- Você é meu, menina 318
- PARTE V Chile mar e cueca** 329
- Veraneio na capital (ou Suando a camisa no calor santiaguino) 331
- A inundação 333
- Barbarella clipe (Essa orgia congelada da modernidade) 336
- Chile mar e cueca (ou "Arrume-se, Juana Rosa") 343
- Os primórdios de La Florida (Sentir-se rico, mesmo que seja em miniatura) 348
- Presságio dourado para uma Santiago outonal 351
- As açucenas despedaçadas do incesto 354
- Ópio do povo 358
- A apaixonada errância do descontrolo 361
- "Chocolate amargo" 380
- Sanhattan (ou A vertigem arrivista de sonhar-se em Nova York) 383
- À guisa de epílogo 387
- "Para minha tristeza, violeta azul" 389
- À guisa de sinopse 393
- Sobre a tradução: Performar a alteridade — Pedro Lemebel em tradução* 397

tentável leveza”, “As açucenas despedaçadas do incesto”, “Ópio do povo”.

Os textos seguem as últimas edições da Seix Barral, que incluem por vezes ligeiras variações em relação às versões originais. Cabe aqui alertar sobre a peculiar sintaxe que caracteriza as crônicas de Lemebel, muitas vezes moduladas conforme o ritmo oral da língua, dando lugar a construções anômalas ou pouco convencionais que, naturalmente, foram respeitadas.

À guisa de preâmbulo

Manifesto

(Falo pela minha diferença)

Não sou Pasolini pedindo explicações
Não sou Ginsberg expulso de Cuba
Não sou um viado disfarçado de poeta
Não preciso de disfarce
Essa aqui é a minha cara
Falo pela minha diferença
Defendo o que sou
E não sou tão estranho
Fico puto com a injustiça
E desconfio dessa dança democrática
Mas não venha me falar de proletariado
Porque ser bicha e pobre é pior
Tem que ser ácido para aguentar
É desviar dos machinhos da esquina
É um pai que te odeia
Porque o filho quebra a munheca
É ter uma mãe com as mãos rachadas de cloro
Envelhecidas de limpeza
Te ninando doente
Por maus costumes
Por má sorte
Como a ditadura

Pior que a ditadura
Porque a ditadura passa
E vem a democracia
E logo atrás o socialismo
E então?
O que farão com a gente, companheiro?
Vão amarrar nossas tranças em trouxas com destino a um
sidário cubano?
Vão nos enfiar em algum trem para lugar nenhum
Como naquele barco do general Ibáñez
Onde aprendemos a nadar?
Mas ninguém chegou à praia
Por isso Valparaíso apagou suas luzes vermelhas
Por isso as casas de tolerância
Brindaram uma lágrima negra
Aos botolos comidos pelos siris
Naquele ano que a Comissão de Direitos Humanos não
lembra
Por isso, companheiro, eu te pergunto
Ainda existe o trem siberiano da propaganda reacionária?
Aquele trem que cruza suas pupilas
Quando minha voz fica doce demais?
E você?
O que vai fazer com nossas lembranças de moleque, ba-
tendo punheta um pro outro nas férias no litoral?
O futuro será em preto e branco?
O tempo, em noite e dia de trabalho sem ambiguidades?
Não haverá uma bichona em alguma esquina, desequili-
brando o futuro de seu Novo Homem?
Vão deixar que bordemos pássaros nas bandeiras da pátria
livre?

O fuzil eu deixo para você
Que tem sangue-frio
E não é medo
O medo eu fui perdendo
De tanto domar facas
Nos porões sexuais por onde andei
E não se sinta agredido
Se falo contigo dessas coisas
Olhando seu volume no meio das pernas
Não sou hipócrita
Por acaso os peitos de uma mulher não chamam sua atenção?
Não acha que aconteceria algo entre nós, sozinhos na mon-
tanha?
Mesmo que depois me odeie
Por corromper sua moral revolucionária
Estrá com medo de que a vida se homossexualize?
E não falo de meter e tirar
E tirar e meter simplesmente
Falo de ternura, companheiro
Você não sabe
Como é duro encontrar o amor
Nessas condições
Você não sabe
O que é carregar essa lepra
As pessoas mantêm distância
As pessoas compreendem e dizem:
É viado mas escreve bem
É viado mas é um bom amigo
Super gente fina
Eu não sou gente fina

Eu aceito o mundo
Sem pedir essa fineza
Mesmo assim dão risada
Tenho cicatrizes de risadas nas costas
Você acha que eu penso com a bunda
E que no primeiro choque no pau de arara
Eu ia abrir a boca
Não sabe que a hombridade
Eu nunca aprendi nos quartéis
Minha hombridade quem me ensinou foi a noite
Atrás de um poste
Essa hombridade da qual você se gaba
Foi imposta no regimento
Por um milico assassino
Desses que ainda estão no poder
Minha hombridade eu não recebi do partido
Porque me rejeitaram com risadinhas
Tantas vezes
Minha hombridade eu aprendi participando
Da dureza desses anos
E riram da minha voz afeminada
Gritando: e vai cair, e vai cair!
E apesar de você gritar como homem
Não conseguiu que o regime caísse
Minha hombridade foi a mordadaça
Não foi ir ao estádio
E sair na porrada pelo Colo-Colo
O futebol é outra homossexualidade velada
Como o boxe, a política e o vinho
Minha hombridade foi mastigar o escárnio

Engolir a raiva para não matar todo mundo
Minha hombridade é me aceitar diferente
Ser covarde é bem pior
Eu não dou a outra face
Eu dou o cu, companheiro
E essa é a minha vingança
Minha hombridade espera paciente
Os machos ficarem velhos
Porque a essa altura do campeonato
A esquerda barganha sua bunda mole
No parlamento
Minha hombridade foi difícil
Por isso nesse trem eu não subo
Sem saber para onde vai
Não vou mudar pelo marxismo
Que tantas vezes me rejeitou
Não preciso mudar
Sou mais subversivo que você
Não vou mudar apenas
Porque os pobres e porque os ricos
Não me venha com esse papo
E sem essa de que o capitalismo é injusto
Em Nova York as bibas se beijam na rua
Mas essa parte eu deixo para você
Que está tão interessado
Que a revolução não apodreça de uma vez
Para você vai esse recado
E não é por mim
Eu já estou velho
E a sua utopia é para as gerações futuras

Há tantos moleques que vão nascer
Com uma asinha quebrada
E eu quero que eles voem, companheiro
Que a sua revolução
Dê a eles um pedaço de céu vermelho
Para que possam voar.

*Texto lido como intervenção em um ato político da esquerda
chilena em setembro de 1986, em Santiago.*

O abismo iletrado de alguns sons

PERTO DE TRUJILLO, no Peru, encontram-se as ruínas de Chan Chan, uma cidade pré-incaica que dorme em seus vestígios erodidos pela brisa marinha. São construções de barro que, apesar de sua precariedade material, atestam certo esplendor castanho-avermelhado que colore o adobe com o mesmo tom da pele indígena. No centro dessa urbe barrenta está a praça principal: um enorme retângulo em cujas margens se ergue um muro com decoração em relevo de peixes nadando em direção oposta. Em um ponto dessa murada, os cardumes se cruzam alternadamente. Esse ponto coincide com a corrente de Humboldt, que em frente a Trujillo corta as águas do norte com o frio mar do sul.

Sobre esse muro de barro, turistas e casais de namorados escreveram nomes, datas, garranchos e panfletos políticos, impondo a escrita castelhana a este alfabeto zoomorfo que, em sua representação mínima, descreve uma cartografia do vasto horizonte salgado no chapinhar dos peixes e no rumor rouco do Pacífico.

Mas, para além das teorias que equiparam a ciência com a magia desses hieróglifos, estes signos falam outra linguagem, difícil de transpor à lógica da escrita. Talvez, mais do que conceitos organizados por um pensamento unidirecional, estes desenhos contenham ruídos, vozes aprisionadas no barro,

descrições guturais de uma geografia pré-colombiana que fascinou o homem branco com a música colorida de sua intemperie. Assim, estas formas também poderiam ser traduzidas como representações de um silabário sonoro ou partituras de um frêmito vital no território mesoamericano. A fala e o riso no estrondoso tomo do coração andino. A oralidade e o pranto no baque do sangue pelas escarpas arteriais. A voz mimetizada com o entorno, como um pássaro ventríloquo que caligrafia seu trinado no meio da floresta. Depois veio a letra, e com ela o alfabeto espanhol que amordaçou seu canto.

Então, os códigos orais tornaram-se gritos de alerta para prevenir as tribos da invasão estrangeira. Eram sons de ondas nos cumes do altiplano, através dos *pututos* ou caracóis marinhos, espécies de trombetas moluscas que transmitiam a voz de alarme por todo o Tawantinsuyu. Como se fossem gritos de aves quando a bota do caçador esmaga a sarça, ou murmúrios entredentes que hoje as índias cochicham nas alfândegas das fronteiras. Balbucios imprecisos que irritam o policial de plantão, que as deixa passar com seu contrabando tagarela. Como papagaias matraqueando naquela meia língua, naquele sotaque intraduzível na página, na letra impressa tão fundadora, tão organizada, tão universalista, tão pensante a nossa febril cabeça ocidental. Nosso logo egocêntrico que crê armazenar sua memória em bibliotecas mudas, onde a única coisa que ecoa é a palavra silêncio escrita numa plaquinha.

Mas esse shhh não é silêncio. Para a língua indígena, talvez esse shhh tenha a ver com uma dor de dente, e o "s" seja o leque esfriando a cárie em chamas. Ou quem sabe esse shhh também seja a chuva chiando sobre o telhado de palha ou o silvo da serpente no cio quando pisam nela. Como saber,

como traduzir em letras para nosso orgulhoso entendimento a multiplicidade de significantes que um som carrega?

Certamente estamos prisionados à lógica do alfabeto. A erudição nos leva de mãos dadas pela trilha iluminada do abecê do conhecimento. Mas do outro lado da margem há um abismo iletrado. Uma selva cheia de ruídos, como uma feira clandestina de sabores e aromas e palavras estranhas que estão sempre mudando de significado. Palavras que se pigmentam apenas no coração de quem as recebe. Sons camuflados na fissura do lábio para não serem detectados pela escrita vigilante.

Fora das margens da folha que se lê, uma Babel pagã borbulha em vozes desbocadas, ilegíveis, constantemente prófugas do sentido que as convoca para a literatura.

Aparentemente, a página contém a voz e seu desejo expressivo. Mas essa premissa tem origem na introdução da escrita castiça e católica na América. Entre uma letra e a outra há um confessorário; entre uma palavra e a outra, um mandamento. O que se lê nos lê com os olhos de Deus; as sagradas escrituras têm a sua rubrica. Isso o inca Atahualpa não sabia, por isso confundiu a Bíblia com um caracol marinho e a levou à orelha para ouvir a letra falante do criador. E aquele caracol quadrado e preto não tinha ecos de mar nem sussurros de montanha para falar com Atahualpa; por isso ele o jogou no chão e deu pretexto para que o frei Vicente de Valverde justificasse o genocídio da Conquista. O inca também não sabia que, anos mais tarde, o rei católico Carlos II iria proibir por decreto o uso das línguas nativas. Atahualpa morreu antes de aprender a ler e, analfabeto, continuou escutando debaixo da terra o som das marés como idioma interminável.

Talvez o mecanismo da escritura seja irreversível e a memória alfabetizada seja o triunfo da cultura escrita representada por Pizarro sobre a cultura oral de Atahualpa. Mas isso nos mostra que ler e escrever são instrumentos de poder, mais do que de conhecimento. Quem sabe a cicatriz da letra impressa na memória possa abrir-se numa boca escrita para reverter a mordada imposta. É o que demonstram o testemunho *Si me permitien hablar...*, de Domitila, editado em 1977, e a *Nueva crónica y buen gobierno*, de Felipe Guamán Poma de Ayala, publicada em 1615. Estes e outros textos exemplificam como a oralidade faz uso da escrita, dobrando seu domínio e ao mesmo tempo se apropriando dela.

Muitos são os silêncios impostos pela cultura grafóloga às etnias orais colonizadas, mas aprender a ler esses silêncios é reaprender a falar. Usar o que as palavras omitem, negam ou criam para saber o que de nós se esconde, não se sabe ou não se diz. Esse silêncio é nosso, mas não é silêncio. Ele fala como uma memória que exorciza os rastros coloniais e reconstrói nossa dignidade oral arrasada pelo alfabeto.

PARTE I

Os duendes da noite

O Zanjón de la Aguada

(Crónica em três atos)

Dedicado a Olga Marín, com meu carinhoso agradecimento.

Primeiro ato: a arqueologia da pobreza

E se alguém contasse que viu a primeira luz do mundo no Zanjón de la Aguada, quem se interessaria? Quem se importaria? Não aqueles que confundem esse nome com o de um romance de costumes. Muito menos os que não sabem, nem nunca saberão, o que foi esse muquifo da pobreza chilena. Certamente incomparável com qualquer ocupação, acampamento ou favela violenta dos subúrbios da atual Grande Santiago. Mas o Zanjón, mais do que um mito da sociologia marginal, foi um beco às margens do fático canal de mesmo nome. Uma ribeira pantanosa onde, no final dos anos 1940, foram instalando umas tábuas, umas chapas, uns papelões, e de um dia para o outro as casas estavam prontas. Como num passe de mágica, surgiam barracões em qualquer canto. Como se fossem fungos brotando mi-lagrosamente depois da chuva, floresciam no meio do lixo os casebres precários que receberam o nome de callampas.*

* "Cogumelo", termo de origem quéchua usado no Chile como sinônimo de favela. (N. T.)

pela forma instantânea como ocuparam uma área clandestina no opaco atoleiro da pátria.

E, como sempre, o tema da moradia é uma excursão aventureira para os desprovidos, ainda mais naquele tempo, quando famílias inteiras emigravam do norte e do sul do país para a capital em busca de melhores horizontes, tentando encontrar um pedaço de chão onde fincar suas bandeiras de assentados. Esse, porém, não foi o caso da minha família, que sempre morou em Santiago, arrastando sua vida pelega por quarteirões de cortiços e bairros lúgubres ao redor do antigo centro. Mas um dia qualquer vinha o despejo: os canas jogavam na rua a meia dúzia de imundícies, o estrado da cama, a mesa bamba, o fogareiro a querosene e umas quantas caixas contendo minha herança familiar. E talvez alguém tenha comentado com a gente sobre o Zanjón, e, para não ficarmos no relento, chegamos a essas plagas imundas onde as crianças corriam junto com os cachorros, perseguindo ratazanas. E a coisa foi tão simples, tão rápida, que por alguns pesos nos venderam um muro naquele lugar, não chegava a um metro de terreno, era só uma parede de adobe, que minha avó comprou. E a partir daquele barro sólido foi construindo o ninho brejeiro que em pleno inverno abrigou minha infância e deu guarida ao meu núcleo familiar. A partir daquela muralha, que como um cenário cinematográfico se transformou na fachada do meu primeiro domicílio, minha avó pôs um teto de Eternit e uma cerca de paus, compondo a arquitetura fuleira do meu palácio infantil. Mas, ao contrário dos meus vizinhos, o frontispício espremido da minha casa tinha cara de casa, pelo menos da rua parecia uma casa, com sua janela e sua porta que, ao abrir, revelava um deserto: não tinha cômodos,

apenas o fundo aberto do descampado onde o vento frio da madrugada entrava e saía sem pedir licença.

Pode parecer que, na evocação daquele passado, a tiritante manhã infantil tatuara com gelo seco a pele de minhas lembranças. Mesmo assim, sob aquele toldo da alma proletrária, fui embalado pelo ninar cálido da temperança materna. Naquele alvoroço de fedores e fumaça de serragem, “aprendi todas as coisas boas e conheci todas as coisas ruins”, descobri a nobreza da mão humilde e esbocei minha primeira crônica com as cores da lama que redemoinhava o leite turvo daquele córrago.

Segundo ato: minha primeira gravidez tubária

Há um ditado que diz: “Pobre, porém limpinho”, e isso é verdade em alguns casos, onde há itens básicos de higiene disponíveis. Já no Zanjón, a água para beber, cozinhar ou tomar banho tinha que ser trazida de longe, onde um tanque sempre aberto abastecia o consumo da comunidade. Da mesma forma, a coleta de esgoto e o saneamento se resumiam a uma vala fedorenta que corria paralela aos barracos, onde as mulheres jogavam os caldos fétidos da caganreira. Contrastando com esse sórdido lamaçal, o alvo flamular dos lençóis e fraldas, deslumbrantemente brancos de puro cloro fervido, confirmava o esfregar passional das mãos maternas, sempre pálidas, azuladas, mergulhadas de molho na água espumante. E talvez essa utopia alvejante fosse o único jeito de as mães do Zanjón se livrarem simbolicamente da lama e, com pencaas de rebentos nas costas, ascenderem às nuvens

agarradas ao fulgor nêvo de seus trapos, vaporosamente esfarrapados, como bandeiras de trégua nessa guerra manchada pela sobrevivência.

Minha infância no Zanjón borboleteava ao sol entre as moscas que minha mãe espantava zelosa, mas, ao primeiro descuido, quando ela, atarefada, por um minuto me perdia de vista, a aventura de engatinhar para fora da *callampa* me conduzia à beira daquela vala onde eu metia as mãozinhas, onde eu molhava o rosto e sorvia o lodo na curiosidade infantil de conhecer meu meio pelo gosto. E foi assim que um dia minha barriga foi inchando como se eu tivesse engravidado de uma altura varejeira. Com o passar dos dias, o tamborilar da colite incessante e a dor abdominal eram um choro sem trégua. Minha mãe não sabia o que fazer, esfregando minha pancinha inflamada como um balão e me dando infusão de ervas, açúcar queimado e chá de canela. Ali, na época, não era tão simples pegar o telefone e ligar para o médico da família. Principalmente se você tinha que levantar às cinco da manhã e sair com o bebê a tiracolo para pegar uma senha no postinho lotado. Assim, cheguei às mãos de uma doutora com óculos fundo de garrafa que viu minha barriga pobre, pensando na *very typical* desnutrição das crianças africanas. Mas, ao tatear aquela pele tensa de atabaque e apoiar nela seu frio estetoscópio, uma batida surda a assustou, fazendo-a recuar espantada. Não é possível, disse ela, olhando para minha mãe, e escreveu nervosa a receita de um purgante virulento. Naquela mesma noite aconteceu o parto. Após tomar aquele remédio abortivo, me desfiz em cólicas de uma florída diarreia feito água pantanosa. E ali, no espelho negro do peniquinho transbordante, boiava o corpo minúsculo de uma lombriga

interrompida em sua metamorfose. Era só uma cabeça e um rabinho, mas sobressaíam duas patinhas verdes que o bebê girino conseguira formar no meu ventre desde que eu engolira sua larva no micromundo da vida que, apesar de tudo, lutava a cotoveladas no breve espaço de sua gestação.

Terceiro ato: as memórias do Carne Amarga

O Zanjón de la Aguada não era famoso apenas pela extrema pobreza, onde escorria o suor do povo e o atraso social. Nos anos 1950, aquele pulgueiro também manchava os jornais com notícias de crimes e a proliferação de bandidos que se refugiavam abaixo de seus tetos. Na época, aqueles mafiosos trombadinhas eram apelidados de “carecas”, sem dúvida por causa da cabeça raspada a tesouradas pela polícia, talvez para torná-los visíveis diante da sociedade de bem e para que o look servisse de castigo. Mas, no Zanjón, essa estética da cabeça tosada não gerava discriminação: era comum ver moleques piolhentos raspados à máquina zero para matar a praga. Assim, no caso dos “carecas”, era natural vê-los saírem da cadeia com aquela aparência de judeus esqueléticos, barbudos e calvos, libertados do extermínio. Certa familiaridade com o delito propiciava essa convivência saudável. Porque, como em toda microsociedade, por mais bandida que seja, existem códigos de camaradagem, e os “carecas” tinham os deles. Era uma espécie de catecismo moral jamais apontar uma faca para um vizinho do bairro. Mais do que isso, para eles era uma obrigação demonstrar solidariedade nos desastres naturais, que faziam voar os telhados nas noites de ven-

daval. Assim como tirar a água suja que inundava os barracos nas enchentes. Ou apagar o incêndio imenso que consumiu metade do Zanjón de la Aguada — e ali, na falta de bombeiros, foram os “carecas” os anjos salvadores, carregando baldes com água de torneiras distantes ou resgatando bebês chamuscados pelo fogo.

Naquele reduto social, onde as malocas pululavam no entorno miserável de Santiago, convergia um zoológico delinquente batizado de acordo com a especialidade do roubo. Havia os punhustas a jato, que afanavam uma carteira com dedos de veludo e chispavam feito foguetes. Havia também as muambeiras do centro, como a Maria Xereta, uma vampira gatuna que se vestia como uma lady e arrasava as lojas de luxo com sua bolsa de fundo duplo. Também o clã dos larápios, especialistas em arrombar casas nos bairros de barcana. E às vezes apareciam de visita uns golpistas internacionais que voltavam da Europa, onde exportavam com estilo a arte chilena da gatunagem. Por exemplo, o Chuta Bosta, um dândi esbelto que retornava à vizinhança fumando charutos cubanos, de terno branco e chapéu combinando. Ali, o Zanjón inteiro o recebia com grande festa e uma farra mafiosa que durava três dias. Os mais contentes eram os moleques, embolsando os punhados de moedas que o Chuta Bosta jogava para eles como um padrinho mão-aberta. Mas também havia outros mais sinistros, como o Carne Amarga, sombrio e perverso como a pupila de um chacal. Ele era mestre em saquear os caminhões que passavam pela Santa Rosa. Carne Amarga era pai solteiro, tipo *Kramer vs. Kramer*, e tinha inventado um truque para parar os caminhões, que, conhecendo

os perigos do lugar, passavam disparados na avenida. Então, quando avistava um veículo carregado de mercadorias, Carne Amarga jogava o filho de sete anos no meio da Santa Rosa e o caminhão parava chiando os freios, ocasião que o bandido aproveitava para subir por trás e saqueá-lo. E pode ser que alguma vez o veículo não tenha conseguido frear e as rodas tenham esmagado o pirralho. Mas isso era o pão de cada dia do Zanjón de la Aguada, as crianças morriam como cães vadios atropelados. E também nas batidas policiais, no meio da noite, de madrugada, pelas balas zunindo que atravessavam os puxadinhos. No dia seguinte, todos os vizinhos comentavam o resultado da caçada feita pela Brigada de Homicídios: porque ontem à noite caiu o Coió, porque bateram no Caca Negra, porque a Maria Xereta escapou por um triz, porque levaram algemados o Tirifa, o Tampinha e o Cara de Luto, porque o Chapa levou um pipoco no pé mas conseguiu fugir pelo telhado, porque os homi levaram uma pá de coisas alegando recuperação de mercadoria. E depois dessas operações vinham semanas de vigilância em que o Zanjón inteiro dormia sobressaltado de medo de que os canas voltassem com seu tiroteio prepotente. Os “carecas” viravam fumaça por um tempo e alguns emigravam para La Legua ou La Victoria, onde seguiam aperfeiçoando minuciosamente as artes malandras do seu ofício.

Epílogo. a nostalgia de uma dignidade territorial

Atualmente, quando os prefeitos fazem alarde em suas campanhas de novos métodos policiais para prevenir assaltos

como goteira no eco da panela vazia. Para viver melhor a geada indiferente destes tempos, vale dormir sonhando que o Terceiro Mundo escapou por um sapatinho furado, que naufragou na correnteza do Zanjón de la Aguada, onde um menino girino nunca virou princesa narrando a crônica de seu interrompido coaxar.

e furtos. Nestes tempos em que a delinquência perdeu sua aventura romântica de tirar do rico para dar ao mais pobre, à la Robin Hood ou Jesse James, talvez porque os protagonistas do roubo social não passem de uns pirralhos que afanam a aposentadoria dos vovós na saída do banco. Mais parecem ratazanas, roubando a bicicleta da molecada e a mochila dos estudantes, em nada parecidos com os malvados de antigamente, com os trombadinhas de rapina do Zanjón, que dramatizavam suas vidas transgredindo a brutal desigualdade econômica que retratava sem cor a radiografia humana daquela desnutrida paisagem.

Agora, quando a pobreza disfarçada pela roupa importada de segunda mão já não quer ser chamada de povo e prefere se esconder sob a globalidade do termo "gente", mais plural, mais despolitizado nas sondagens que somam eletrodomésticos para avaliar a distribuição do gasto social nas camadas de menor renda. E tudo é assim: para se viver melhor existem as linhas de crédito que permitem sonhar a cores, folheando o catálogo endividado de um bem-estar à prestação. Para passar melhor estes tempos, é melhor liquidar neurônios como espectador da telinha onde o jet set medíocre se abana com pagamentos milionários, curtindo a vida no bem-bom, mastigando uma azeitona no desfile de moda com seu ócio fashion, mostrando a língua para telespectadores sonâmbulos pés de chinelo que põem uma panela em cima do aparelho de tevê para conter a goteira que cai do telhado roto, que soa como moedas, que em seu tinido insistente se confunde com o tilintar das joias que os personagens *top* fazem soar na tela. Mas, ao desligar a tevê, a goteira da pobreza segue soando

Censo e Conquista

(E essa peruca rosa debaixo da cama?)

UM DOS PRIMEIROS CENSOS populacionais na América foi realizado pela Igreja católica em plena Conquista. À medida que o massacre colonizador arrasava aldeias indígenas, os jesuítas iam coletando para a Coroa qualquer antecedente que pudesse reconstruir um nativo americano perante o clero espanhol. Um perfil desconjuntado pela estatística, traços do Novo Mundo desmembrados pela voracidade estrangeira de organizar o mistério pré-colombiano em esquemas lógicos e estratificações de poder.

Antes da empunhadura europeia e da quadratura de sangue, eram outros os índices de medição que norteavam a cosmologia pré-hispânica. Os calendários de pedra giravam em ciclos de retorno e centrífugas de expansão, em estreita analogia com os períodos de fertilidade, seca ou calmaria.

A noção de tempo dependia de outros parâmetros, mais relacionados com uma rotação cíclica do que com uma numerologia quântica. Os indígenas se surpreendiam diante das perguntas clericais imbuídas de dominação e de certa morbidez branca. Quantos coitos semanais? Quantas marmatubações por mês? Como moravam tantos numa mesma choça? Que pecados capitais somavam-se nas contas de vidro dos rosários? Quantas orações e pais-nossos deveriam

rezar para serem absolvidos? Quantos metros quadrados de ouro pagariam como tributo? Enfim, diante dessa avalanche de assédio, os indígenas respondiam sem a matemática da pergunta, apresentando-se na verdade como acusados, réus confessos de povoar seu território com as práticas próprias do habitat nativo. Respondiam oito ou oitocentos apenas para dizer alguma coisa, pela posição dos lábios circundando em forma de oito. Diziam mil pelo toque da língua se debatendo no palato como um inseto estranho. Escolhiam o três pelo assovio do ar ao atravessar seus dentes podres. Murmuravam seis pelo sussurro do "s" na chuva benfazeja sobre seus tetos de palha. O som do número por sua equivalência quantificadora, pela relação oral que estabeleciam entre a pergunta e o ato de responder. Desviando elipticamente do item paralelo da sondagem, escapando da interpelação com uma aparente idiotice que embaralhava os cálculos góticos dos missionários. Os indígenas corriam à velha arte da camuflagem para se defender da intromissão, subvertendo a rigidez do signo numérico com a semiótica de seu entorno.

Assim, as pesquisas e censos na América proclamaram diante da sociedade burguesa europeia a vida amoral e promíscua dos habitantes desta parte do mundo. Uma avaliação de selvageria interpretada pelo clero e pela monarquia, que acirrou os ânimos evangelizadores das futuras campanhas do descobrimento. Quanto mais hereges, mais sabres; quanto mais animais, mais jaulas.

Anos se passaram, e hoje nos deparamos com um censo populacional que mais uma vez visa enumerar as práticas cidadãs. Supostamente para adequar os índices de carências ao desenvolvimento econômico. Outra vez a grande visita

deixá-lo em casa de carro. O outro lado do orçamento familiar, o negativo do censo que não tem classificação, que se mascara de azulada inocência ao olho censor. E chegam a derramar cascatas de lágrimas quando precisam contar o dramalhão à visitante. É preciso vestir a pior roupa, arranjarr três bebês chorões e se enrolar num leque de moscas como salvo-conduto para evitar as burocracias do sufrágio.

Assim, as minorias viabilizam sua existência errante burlando a piedosa enumeração das faltas. As listas de necessidades que o recenseamento vai desenrolando Chile a fora, como uma serpente computacional que deglute os índices econômicos da população para processá-los de acordo com esquemas políticos. Cifras e tantos por cento que vão encher a boca dos parlamentares com números desgastados pela manipulação do debate partidário. Uma radiografia do intestino delgado chileno exposta em seu melhor perfil neoliberal como ortopedia do desenvolvimento. Um esboço social que não se traduz em suas tramas mais finas, que traça rasante as linhas grossas do cálculo no submundo que as sustenta, das imbricações clandestinas que vão alterando o projeto determinante da democracia.

Talvez uma herança pré-hispânica que emerge nas margens excedentes como estratégias de contenção contra a recolonização pela enquete. Talvez micropolíticas de sobrevivência que trabalham com o subtexto de suas vidas, escamoteando os mecanismos do controle social. Um desdobramento, um outro que sorri para a câmera do censo e se despede na porta de tábuas com a educada paródia do riso amarelo, com um falso até logo que se multiplica em zeros à esquerda como protolinguagem tribal que fecha hermeticamente o selo da desobediência.

com a roupagem de assistente social se sentará na ponta da cadeira. E, espantando as moscas, molhará os lábios com o chá lavado da única xícara com asa. Perguntando quantas camas, quantos trabalham, e os que não trabalham vivem de quê? E essa filha de dezoito anos atrás da cortina, esperando a moça ir embora para não ver a pátina arroxeada de suas olheiras? E essa peruca rosa que a mãe esconde ao deixar a moça entrar no quarto do filho que trabalha no norte? Con-tando as maravilhas de presentes que ele manda para ela de Iquique, enquanto empurra dissimuladamente os sapatos de salto alto para debaixo da cama. Exibindo o aparelho de som com cassete duplo e a tevê em cores. Mostrando uma porção de quinilharías da Zona Franca que eles nunca usarão por medo de estragar. A mãe que acarícia a marca prateada da geladeira, vazia de comida mas grávida de cubinhos de gelo.

Como um tamanduá, o supercenso enfia a tromba nas do-bras bolorentas da pobreza, vai descrevendo com tinta oficial a precariedade da residência. As paredes são de alvenaria ou de barro com palha? É banheiro ou fossa séptica? E se é banheiro, por que a privada transborda de flores como um vaso greco-romano no quintal? E se a casa tem fogão, por que ele é usado como mesa de cabeceira e o fogo é feito com lenha? E por que, com tanta informação disponível, os bebês se multiplicam como os cachorros? E os cachorros e gatos, em que parte da pesquisa são contabilizados? Porque crianças e animais se confundem sob a mesma camada de piche, sob o mesmo trapo suado cobrindo a miséria. A cortina que se fecha sob o avental da mãe escondendo o pacote de maconha, os negócios do filho caçula que está indo tão bem trabalhando com um desconhecido que lhe compra tênis Adidas e vem

Mamãe pistola

comemorando, pois tinha um presente especial para minha mãe. E embora nunca tenha gostado de armas, comemorou feito criança a pequena pistola Luger que havia ganhado de um mafioso com sua melhor jogada. Mas minha mãe não fazia ideia disso, e foi só quando ouvimos o estampido e vieram avisar que o mafioso, indignado, estava batendo nele, que ela arrancou o avental de um puxão e teve tempo de se olhar no espelho para retocar o batom. Saiu descendo de dois em dois os degraus da escadaria do bloco. E na pressa nem reparou que eu ia atrás, seguindo-a com meu cartãozinho na mão. Chegamos correndo à esquina cheia de gente, vendo o mafioso bater no meu paizinho com um soco-ínglês. Cambaleando, o coitadinho do meu pai tentava se defender atirando para todos os lados. E agora eu me lembro dos tiros, eram estampidos ao vento que meu pai disparava sem pontaria, tentando impedir que o mafioso continuasse destruindo a cara dele com sua soqueira de aço. Foi assim que eu o vi aquela manhã, todo ensanguentado, com o casaco comprido se enroscando e caindo no chão com os murros metálicos do agressor. Assim, sem mais nem menos, na esquina da minha área, com toda aquela gente olhando sem se atrever a pegar a arma do meu paizinho, turvado pelo álcool e pelo sangue. Quando minha mãe chegou, todos recuaram; ela, tão jovem na época, tão pálida açucena. Minha mãe tão linda, tão valente, deu um pulo e arrancou a pistola da mão do meu pai e apontou para o mafioso, dizendo: Quero ver você bater nele de novo. Quero só ver, covarde. Batendo num bêbado!, gritou, apontando firme a arma para ele. E o mafioso parou um instante e, rindo dela, acariciou o metal ensanguentado da soqueira e meteu uma porrada.

E PODE TER SIDO num famoso domingo, um Dia das Mães em que eu, me esticando na ponta dos pés aos sete anos, entregava à minha mãezinha um cartão que havia desenhado na escola com um grande beijo. Porque naquele tempo era assim, não havia essa máquina feticlista do mercado materno. Muito menos as grandes lojas oferecendo crédito popular para entulhar a velha de eletrodomésticos. Deve ter sido nesse dia, eu me lembro, de manhã cedinho: ela fresca, jovem e linda (todas as mães são lindas nesse dia). Tinha posto seu avental amarelo para fazer um almoço gostoso ao voltar da feira. Porque ela só punha o avental amarelo para se enfiar na cozinha. Então, eu lhe entregaria o cartão e uma flor. E fiquei com a mão esticada ao ouvir o tiro. E ali mesmo veio alguém avisar que, na esquina do gueto, meu pai estava megabêbado e estavam batendo nele. Porque meu pai era um ás na *rayuelá** e na pinga. Era campeão nacional do esporte e estava feliz porque havia ganhado de todos os *rayueleros* na noite anterior. Fizera uma porção de *quemadas* com sua pontaria certa. Ele estava contente bebendo e

* Jogo chileno disputado em uma pista retangular onde os praticantes (*rayueleros*) devem arremessar discos de metal com o objetivo de acertar uma caixa de barro dividida por uma linha. Quando o disco toca a linha se dá a "*quemada*", que equivale a dois pontos. (N. T.)

Mas nem sequer chegou a tocá-la, porque mamãe puxou o gatilho e o pipoco deixou a comunidade petrificada. Foi só quando a fumaça se dissipou que vimos o rasgo roxo na testa do sujeito. Um risco vertical marcando seu crânio entre as sobrancelhas, e por questão de centímetros minha mãe não era incriminada junto com o mafioso. Só me lembro do suspiro geral ao verem o homem vivo, mas com uma marca na testa que jamais esqueceria. E minha mãe, tão linda, tão bela, tão jovem e corajosa, ali de pé com a Luger fumegando na mão. Nem sequer tremia, nem hesitava em meter outro tiro no homem, que saiu limpando a testa como um vira-lata assustado. Então, levou embora meu pai arrastado, que de tão ébrio não se deu conta de nada. Naquela manhã, o bairro inteiro soube que minha mãe, aquela linda senhora com pinta de rainha, era boa no gatilho. Quem diria, ela, tão doce, tão jovem e bonita, parada ali na esquina com a arma fumegante. Quem teria imaginado, ela, tão simples e graciosa, defendendo com pólvora seu rebanho. Feliz dia, mamãe pistola, eu disse a ela ao voltar para casa, estendendo orgulhoso o cartão amarrado com um garrancho em forma de coração.

Cinco minutos te fazem florescer*

(Víctor Jara)

A MANHÃ DO DIA 12 DE SETEMBRO raiava degoladamente ruça naquela Santiago acordando de um sonho ruim, de um pesadelo sonâmbulo, com os uivos do bombardeio da noite anterior. Pela rodovia Panamericana, os caminhões blindados passavam chispando rumo ao centro, dispersando os grupos de vizinhos que comentavam nas esquinas a notícia do golpe. O ar primaveril engrossava em coágulos de zinco sobre o telhado dos conjuntos habitacionais, sobre as crianças brincando de polícia e ladrão, atirando com suas mãozinhas nos helicópteros que agitavam o céu alvorocado de pombas. Nas escadas e corredores, o rebuliço de velhas que na época nem eram tão velhas, mas mulheres jovens, de meia-idade, pendurando roupas nos parapeitos, ainda frescas nas chitas floridas de suas saias rodadas. Mulheres do povo, donas de casa que ainda não entendiam o que estava acontecendo, mas pareciam tensas em seu gesto fuxiqueiro de apontar com o queixo e cravar os olhos na aglomeração de vizinhos que se via ao longe, que nem era tão longe, apenas meia quadra da

* "Los cinco minutos te hacen florecer" é um verso de "Te recuerdo Amanda", composição de Víctor Jara (1932-73), assassinado pela ditadura de Pinochet dias após o golpe militar. (N. T.)

Para mim, algo daquela suspeita não fazia sentido, o adjetivo criminal não combinava com aqueles corpos de 45 a sessenta anos, de senhores simplórios em suas roupas tristes, mutiladas pelas baionetas. Talvez avôs, tios, pais, mecânicos, eletricitas, padeiros, jardineiros, trabalhadores sindicais, detidos na fábrica e liquidados ali, no lixo em frente à minha casa, longe dos familiares que os esperavam com o coração na boca, toda aquela eterna noite em vigília de séculos, para não vê-los nunca mais.

Vinte e cinco anos se passaram desde aquela manhã, e o mesmo calafrio ainda estremece a evocação daquelas bocas tortas, cheias de moscas, daqueles pés sem sapatos, com as meias remendadas, furadas, por onde saíam os dedos frios, inchados, intumescidos. A imagem se repete ao longo dos anos, me acompanha desde então como um "cão que não me larga nem se cala".* Com o tempo, tornou-se familiar para mim recordar o toque visual da pelúcia gelada de sua mortalha de lixo. Quase poderia dizer que, daquele fétido baldio da minha infância, suas mãos crispadas me cumprimentam com o punho erguido, sob uma lua de negro nácar onde teimosamente brota seu amargo florescer.

* "Perro que ni me deja ni se calla", verso do poema "Umbrío por la pena", do espanhol Miguel Hernández (1910-42), musicado por Joan Manuel Serrat. (N. T.)

favela que fazia divisa com o terreno baldio da Panamericana Sul e Departamental. Bem ali, onde hoje tem um posto de gasolina e um condomínio popular para funcionários públicos, naquele tempo fedía a cachorro podre a manhã do lixo batizado de El Hoyo, "ô buraco", uma pedreira funda de onde extraíam brita e areia, o aterro onde os caminhões municipais descarregavam a podridão da cidade. Naquela pequena cordilheira de imundícies, nós, as crianças dos blocos, brincávamos de espiar nos morros de lixo, escorregávamos numa bacia pelas ladeiras perigosas de chapas fumegantes. Ali, nas escarpas da escória urbana, procurávamos pequenos tesouros, presilhas de esmeralda desdentadas, papéis dourados de bala Ambrosoli, um pedaço de uma revista *Ritmo* debaixo do esqueleto de um vira-lata, uma garrafa azul de leite de magnésia chapiscada de merda viva, um pedaço de um disco de 45 rotações semienterrado, refletindo a música muda do lixo que fervia de moscas, vermes e ratos naquela manhã de setembro de 1973.

Do terceiro andar dos blocos, dava para ver os três cadáveres no restolho dos resíduos. Pareciam ainda encaracujados pelo último estertor, ainda mornos na carne azulada, perolada de garoa com a gaze úmida do amanhecer. Três homens salpicados de iodo, foi o que eu vi naquela manhã da minha infância, espiondo entre as pernas das pessoas; meus vizinhos comentando que talvez fossem criminosos justificados pelo estado de sítio, como informava a televisão. Diziam isso apontando para um dos homens um pouco mais velho, cuja peruca no cocuruto havia entortado no meio do tiroeteio, revelando o crânio aberto como um punhado de rubis coagulados pelo sol.

A esquina é o meu coração

(ou Os new kids do bloco)

tremor. Aqui o tempo se desprende em manchas de umidade que velam os rostos refletidos de uma janela a outra, de um canto a outro, como se o olhar perdesse toda autonomia na repetição do gesto confinado. Aqui os dias se arrastam por escadarias e corredores esfregados por mulheres de mãos rachadas pelo cloro, comentando o último caso dos moleques.

A esquina dos blocos é o epicentro de vidas pouco ensolaradas, emergindo ao mundo para dar o play no walkman amarrado com elástico. Um marca-passo no peito para não ouvir o caos, para não se deprimir com o deboche da ladainha presidencial falando dos jovens e seu futuro.

O walkman é um passaporte no itinerário da chapação, uma viagem intercontinental num engarrafamento de piscos para dormir pesado com o coro de vozes ianques que prometem "dis nai" ou "esta noite". Como se esta fosse a última noite de ver as calçolas da mãe esvoaçando no parapeito, a última noite do vizinho roncando do outro lado da parede de gesso. Dessa divisória cênica que a arquitetura popular inventou como suporte precário de intimidade, onde os gemidos conjugais e as flatulências do corpo permeiam do privado ao público. Como uma só ressonância, como um sino que tange neurótico os gritos da mãe, os gargarejos do avô, o choro dos rebentos ensopados de merda. Um cubículo que pulsa sua barulhenta superlotação onde ninguém consegue ficar sozinho, porque o morador, nessa loucura, prefere afundar no caldo promíscuo do coletivo, anulando-se para não sucumbir, afogando seus desejos em quartos minúsculos. Uns poucos metros em que todo deslocamento provoca atritos, fricções de convivência. Onde qualquer movimento brusco risca uma chispa que explode em quebra-pau, na grana que falta para

DEDICADO AOS MOLEQUES DO BLOCO, desaguando a bebedeira na mesma escada onde seus pais beatlemaníacos me comeram de quatro, injetando em mim a bainha prateada da urina que escorre nua pelos degraus até pousar numa estrela fumegante. Eu fumo esses vapores num suspiro de amor por seu exílio rebelde. Um brinde de mertiolate à sua imaginação corroída pelas drogas. Enfim, são tão jovens, expostos e dispostos às acrobacias de seu trapézio proletário. Uma transumância de solas mal grudadas pela cola que goteja mortífera as membranas cerebrais, abrindo buracos negros como janelas enlutadas ou poços cegos onde se perder para avistar com muito custo a lâmpada do poste. Tantas vezes quebrada, tantas vezes trocada e quebrada de novo, como uma forma de anular seu halógeno fichamento. De voltar à escuridão protetora dos apagões, transformando o entorno conhecido em selvática de escamoteio. Um anonimato pantanoso que delinea os rostos adolescentes em pirilampos de cigarros girando no perímetro da luz apagada, como território de emboscadas.

A esquina do gueto é um coração onde apoiar a orelha, ouvindo a música batucada que soa às sextas ou aos sábados, tanto faz. Afinal, aqui o tempo demarca o cansaço nas brechas e fendas mal remendadas que o terremoto deixou em seu

não sentar. Então vamos para os blocos de trás e a esquina fica vazia, porque os cana estão rondando à paisana e começam a correria e os golpes de cassetete, até dentro dos apartamentos eles se enfiam e arrastam a gente pra sarjeta e depois pro xadrez. E mesmo que você esteja limpo, eles te pegam e tua mãe tem que arranjar a grana da fiança, e eu prometo a ela que é a última vez, juro que vou trabalhar e ganhar muita grana pra gente dar o fora do bloco. Porque ela vive com o coração na mão quando eu não chego. E mesmo que eu diga pra ela ficar calma, ela não acredita mais em mim e continua gritando que já é meio-dia, que é hora de acordar, quando pra mim só existe meia-noite, quando a farra de sexta ou sábado me espera pra morrer um dia qualquer, de tão vivo que estou.

Semana após semana, muitos corpos desse infantes favelados vão se acumulando nos nichos do cemitério. E assim se repete, para além da morte, o cubículo cimentado do habitat da pobreza.

É como se esse urbanismo de gavetas fosse planejado para reforçar por aglomeração humana a loucura da vida — por si só violenta — dos marginalizados na distribuição do espaço urbano.

Como se cada nascimento naqueles blocos, cada fraída esvoaçante que pressupõe uma vida nova, estivesse manchada por um trágico destino. Parecem inúteis os alvejantes e sua cândida propaganda feliz, inútil a esfregação, inúteis os sonhos profissionais ou universitários para aqueles moleques de segunda classe. Esquecidos pelos professores nos conselhos municipais que instituem uma educação classicista, conforme o bairro e o status de seus moradores. Herança neoliberal ou futura decolagem capitalista na economia dessa “democracia”.

botar comida na mesa. E o New Kid vadio ainda dormindo, embalado em embriaguez pelas coxas da Madonna, acorrendo apenas com os gritos que martelam sua cabeça, que derrubam a porta com um “levanta, porra, que já é meio-dia”. Como se essa hora do dia fosse uma referência instantânea de trabalho, uma medida burguesa de produção para gente batalhadora que já ganhou metade do dia depois de fazer cooper, levar o cachorro para passear e teclar no computador a economia mesquinha de suas vidas, para depois se vangloriar da lombalgia como condecoração ao ofício dos rins.

Como trocar a pinta azul da Madonna pela verruga peluda da secretária velha que te manda para onde lhe der na telha, porque você é um office boy e tem que baixar a cabeça humilhado? Como substituir o ruído dessa velha batendo à máquina pela sonzeira dos New Kids para desmaiar fundo e beber todas, fumar até as unhas e topar o que vier, mina, mona, viado, o que for, explodir de gozo, saca? Desde que não ponham Jim Morrison, porque me lembra daquele maluco que ficou congelado na escada quando nevou e assim foi encontrado. Na época muitos choraram e outros levaram flores de maconha pra ele, que depois fumaram ali mesmo. Afinal, diziam, a erva alivia a dor e o peso do barro nos sapatos. Ou melhor, dos tênis Adidas que afanamos de um moleque gente fina que veio vender pó. Era um pirralho e ficou duro quando apontamos a faca, dizendo: passa o tênis, cara, agora o jeans e a camisa. E fomos bonzinhos de não cortar o pescoço dele, porque ele tremia todo. E embora fosse um playboy, ficamos com pena e contamos até dez, igual a polícia fazia com a gente, fizemos igualzinho com o maluco, porque aqui nós somos a lei, este é o nosso território, mesmo que as velhas reclamem e molhem a escada pra gente

Um futuro inalcançável para esses meninos, uma piada cruel eleitoreira, a traição da pátria livre. Livrar-se dos milicos para acabar atolados no mesmo lixo, na mesma pocilga que os viu nascer. Que horizonte para esse extrato juvenil que desperdiçou seus melhores anos! Certamente irrecuperáveis, apinhados no lumpesinato crepuscular da modernidade. Distantes anos-luz das mensuralidades milionárias que os ricos pagam para seus pimpolhos em colégios particulares.

Certamente, boi de piranha no tráfico das grandes políticas. Relegados às sombras para estuprar, roubar, enforçar, pois já não têm nada a perder e um dia qualquer aparecerão com as tripas de fora. Táticas compreensíveis de vietnamização para sobreviver nessa Idade Média. Outra forma de contenção ao abuso legal e ao deboche político. Um futuro nebuloso para esses meninos expostos ao crime, como um refugio sul-americano que não conseguiu ter uma vida digna. Irremediavelmente perdidos no itinerário apocalíptico dos blocos... navegando de vento em popa pela ruína da utopia social.

A Bichona do Pinheiro

MAIS PARECIA UMA ÁRVORE AMBULANTE, uma espécie rara de pinheiro que passava todo ano no início de dezembro, antecipando prematuramente o Natal. E bastava vê-lo para saber que o ano já estava perdido, que todos os esqualidos planos dos moradores dos blocos deviam ser sonhados em tempo futuro, porque o fim de ano desabava sobre eles com sua avalanche de gastos e preocupações festivas. Bastava ouvir os gritos no quarteirão, os assobios dos vagabundos chapados de erva na esquina, acordando só para gritar: lá vem o viado do pinheiro! E, como sempre, o bairro inteiro saía para vê-lo passar. Para vê-lo todo encolhido atrás dos galhos, tentando se camuflar no vaivém murcho do cipreste. Todo trêmulo, carregando o pinheiro como se ostentasse um estandarte, resistindo à enxurrada de piadinhas que os doídes replicavam com a escassez de neurônios perdidos pela cola de sapateiro.

Várias gerações conheceram a Bichona do Pinheiro, perseguição que dava início aos festejos dos blocos. Depois dela, passavam as coletas porta a porta para comprar os brinquedos da meninada. As bolas de plástico que no primeiro chute ficavam parecendo um saco murcho, e aquelas bonecas carecas que se amontoavam como fetos na associação de vizinhos. E também a pintura das paredes, a típica brancura da cal, tão barata, que num instante transformava a sujeira num véu de